



**AS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR HOMENS QUE EXERCEM
PROFISSÕES ROTULADAS FEMININAS PELA SOCIEDADE.**

Pauliane Alves da Silva Oliveira

Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura

***Curso: Administração Período: 8º Área de Pesquisa: Comportamento
organizacional***

Resumo: Esse estudo busca descrever e analisar as dificuldades percebidas entre os trabalhadores do sexo masculino que exercem profissões culturalmente consideradas femininas, a fim de analisar se sofrem ou não preconceito e discriminação e a estratégia que usam para enfrentar essa situação. Para tanto foi realizada uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Para coleta de dados utilizou-se entrevista semiestruturada, estabelecendo a amostra através do critério de acessibilidade. Os resultados apontaram que o preconceito e a discriminação devido o gênero estão diminuindo com o tempo de forma que em algumas profissões quase não existem mais. Sendo assim a pesquisa apresentou como resultado, que os entrevistados não se sentem excluídos ou prejudicados e quando surge algum comentário preconceituoso enfrentam com indiferença, agindo como se não fossem com eles e não deixam que esses fatores tenham influência em suas vidas pessoais. Dessa forma o impacto causado na vida deles é devido a outros fatores existentes, como exemplo o fato de não conseguirem ter uma vida social, que está relacionado com o tipo de trabalho, ou a interferência de problemas particulares no trabalho e vice – e – versa, como acontece em qualquer outra profissão.

Palavras-chave: Preconceito. Discriminação. Gênero. Profissões femininas.

1. INTRODUÇÃO

A diferença existente entre os gêneros e suas relações de trabalho é estudada por diversos autores como Bernadino e Nunes (2013); Potrich *et al.* (2015); Pereira (2015); Santos e Takahashi, (2000).

Desde os primórdios da história, como afirmam Santos e Takahashi (2000, p. 184), “na maioria das sociedades, os indivíduos do sexo masculino sempre foram os principais detentores de provimentos para o lar, o que vem mudando neste século”. Ainda segundo o mesmo autor, “o trabalho sempre foi uma forma de afirmação do ser enquanto vivente em uma sociedade quer seja nas primitivas ou nas modernas”.

Gonçalves e Carvalho (2016, p. 94), ressaltam que essas questões de gênero e trabalho “tratam-se de representações sociais que influenciam o modo de pensar e o comportamento das pessoas que encontram-se inseridas em determinados contextos da sociedade”. Dessa forma, quando homens se inserem em um mercado de trabalho rotulado pela sociedade como feminino ou vice e versa, constitui-se, segundo Ramos e Xavier (2012), a novidade de gênero que é vinculado a essas conquistas.

Bernardino e Nunes (2013), afirmam que existem rótulos naturalizados pela sociedade que nos levam a pensar que os homens possuem melhor desempenho em trabalhar no campo das engenharias, medicina, ciências políticas e jurídicas, enquanto as mulheres, no magistério, economia doméstica e secretariado. Neste cenário, busca – se compreender o gênero e a relação de trabalho no que se refere ao sexo masculino em profissões rotuladas como femininas. É diante desta discussão, que se insere a problemática para este estudo que visa, sobretudo, identificar: quais são as dificuldades percebidas e quais as estratégias de superação estabelecidas entre os trabalhadores do sexo masculino que exercem profissões consideradas femininas?

Este estudo torna-se relevante devido à caracterização dos papéis destinados a ambos os sexos, como exemplo a questão das pessoas aprenderem desde cedo concepções como a de que as meninas são dóceis, enquanto os meninos devem ser assertivos, o que acontece também em relação ao trabalho (BELO; SOUZA; CAMINO, 2010). Como resultou a pesquisa de Bernadino e Nunes (2013), realizada com homens no ramo de secretariado, 90% dos entrevistados afirmaram sofrer preconceitos por serem homens nessa área, responderam que os executivos preferem contratar mulheres. O estudo contribui para análise da situação de preconceito nos dias atuais. Neste cenário, essa questão será analisada em relação aos homens que vivem essas situações, quais suas dificuldades, quais as suas estratégias de enfrentamento e como isso influencia suas vidas.

O objetivo geral desse estudo é descrever e analisar as dificuldades percebidas entre os trabalhadores do sexo masculino que exercem profissões culturalmente consideradas femininas na cidade de Manhuaçu (MG) e região. Os objetivos específicos são: descrever o cotidiano de trabalho dos profissionais do sexo masculino que exercem profissões culturalmente consideradas femininas; identificar as dificuldades percebidas pelos entrevistados ao exercerem atividades culturalmente consideradas pela sociedade como um trabalho destinado ao gênero feminino, descrever as estratégias estabelecidas para enfrentamento destas possíveis dificuldades, e analisar a influência das dificuldades percebidas pelos profissionais do gênero masculino em suas vidas pessoais e profissionais.

Referente à metodologia, foi realizada uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Para coleta de dados utilizou-se entrevista semiestruturada, estabelecendo a amostra através do critério de acessibilidade.

Os resultados apontaram que estão diminuindo a discriminação e o preconceito relacionado às profissões e conseqüentemente, as dificuldades que os homens precisam enfrentar, porém ainda existem comentários preconceituosos e quando isso ocorre uma estratégia de enfrentamento utilizada é agir com indiferença, não deixando que tenha interferência em suas vidas.

2.DESENVOLVIMENTO

A seguir será apresentada uma contextualização do tema gênero, trabalho e as conseqüências sobre as pessoas que sofrem com o preconceito e a discriminação por estarem inseridos em um meio que foi rotulado pela sociedade como um ambiente do gênero oposto.

2.1. Trabalho e as questões de gênero.

Autores como Coda e Fonseca (2004); Saraiva e Silveira (2007), definem que o trabalho é um instrumento de realização das pessoas e para cada indivíduo ele tem uma função diferente de acordo com os desejos e as necessidades de cada um e quando ele é provido de um significado para o mesmo existe um sentimento de gratificação e prazer, tornando-se um dos elementos orientadores da condição humana.

Já os autores Chanlat (2002); Noronha e Barbosa (2016) afirmam que o trabalho representa sempre um elemento central na identidade das pessoas sendo que quando homens ou mulheres perdem o emprego, eles percebem o aspecto estruturante que a vida profissional ocupa na sua existência. É através do trabalho que as pessoas formam e estabelecem suas relações sociais, de forma que o mesmo se torna central também na transmissão de valores por estimular as pessoas a lutar por uma melhor condição de vida nas diversas situações sociais que existem.

Confirmando esta perspectiva, Tolfo e Piccinini (2007, p. 39) afirmam que a centralidade do trabalho “é entendida como o grau de importância que o trabalho tem na vida de uma pessoa em um determinado momento”. Ainda os mesmos autores ressaltam que essa questão da centralidade é formada por um construto complexo que é composto por dois componentes. O primeiro é a centralidade absoluta do trabalho que trata do valor atribuído dentro da vida da pessoa identificando em que medida o trabalho é central para autoimagem. O segundo componente é a centralidade relativa do trabalho, que se refere a influência por meio dos ciclos vitais medindo a relação do trabalho com outros momentos importantes na vida do sujeito.

Quando se relaciona a questão do gênero com o trabalho, Daniel (2011, p. 324) afirma que “o mundo do trabalho é organizado de acordo com uma série de princípios que ultrapassam os limites do capital e impactam a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. Dentre eles está o princípio de gênero”. Segundo a autora o trabalho e o gênero se encontram, proporcionando uma dinâmica de inserção e participação no mercado de trabalho particular.

O conceito de gênero, segundo os autores Cramer, Paula Neto e Silva (2002, p. 29), “apareceu como uma tentativa de compreender as relações entre os sexos, apoiando – se na idéia de que existem machos e fêmeas na espécie humana e que a qualidade de ser homem e ser mulher é definida em termos da relação entre ambos [...]”.

Ampliando este conceito, Daniel (2011, p. 329), ressalta que “o gênero, é uma variável significativa até mesmo entre as atividades que produzem objetos e

alimentos, ou seja, não está restrito a reprodução, mas também se faz ativo na produção". A mesma autora enfatiza a questão de como os estudos de gêneros tem contribuído para os estudos de trabalho, por ser um importante elemento tanto na esfera privada como na pública se manifestando de diversas formas em cada uma delas.

Ferreira (2003, p. 191), argumenta que "o gênero, como categoria analítica, é um modo de referir à organização social das relações entre os sexos". O mesmo autor afirma também que por ser relacional, essa categoria rejeita conceitos que separam o sexo entre si, então os estudos deixam de ser isolados e se tornam estudos de relações entre homens e mulheres. Os autores Vilela, Monteiro e Vargas (2009, p. 999), apontam que o "gênero trata das relações sociais em que mulheres e homens estão iguais e mutuamente implicados".

Dentro de uma análise histórica, Venturini e Thomasi (2013), apontam que as mulheres, historicamente e culturalmente na sociedade, sempre estiveram encarregadas de educar e cuidar dos filhos, enquanto os indivíduos do sexo masculino, segundo Santos e Takahashi (2000), desde os primórdios, são os principais detentores de provimentos para o lar, o que está mudando neste século.

A questão das relações sociais entre as mulheres e os homens, segundo Daniel (2011), são cambiantes e distintas de acordo com o contexto histórico social, não sendo naturais e imutáveis e então o significado de masculino e feminino se constrói e aprende. Neste sentido existe no mundo de trabalho remunerado a distinção entre as mulheres e os homens, a partir da divisão sexual das atividades, que está presente nos indivíduos desde a escolha da profissão até a circulação no próprio espaço de trabalho. Ainda na leitura da autora, "o espaço e as relações de trabalho são também mapeados por diferenciações a partir do gênero, tornando-se uma variável na experiência de homens e mulheres" (p. 329).

A questão do gênero reflete o que ocorre na sociedade, pois vive-se em um mundo que é marcado pela diversidade e por isso é fundamental que não se tenha uma ideia ou um pré-julgamento de que as diferenças sejam transformadas em desigualdades (VENTURINI; THOMASI, 2013).

Pesquisa realizada em um hospital do Rio de Janeiro com enfermeiras e enfermeiros conclui que existem necessidades de políticas públicas para promover a igualdade nas relações de gêneros [...] (PEREIRA, 2015). Justificando essa importância, Gonçalves e Carvalho (2016, p. 96) ressaltam que "as representações de gênero influem na dinâmica da história da educação, pois elas determinam o que é certo, errado, adequado ou inadequado, e quais são as funções e papéis de homens e mulheres". Bernadino e Nunes (2013), afirmam que as diferenças entre os gêneros estão presentes no mercado de trabalho, ou seja, fica condicionada no imaginário social a convicção de que existem cargos que devem ser desempenhados pelos homens e os que devem ser realizados pelas mulheres.

Para Saavedra (2009), uma das barreiras que limita a liberdade dos jovens e influencia a forma como concretizam suas decisões ao longo do ciclo de vida é o gênero. Ainda a mesma autora fala que o gênero lança sua influência em muitos níveis afetando as expectativas, aspirações e escolhas vocacionais [...].

Na visão da autora, as pessoas levam em consideração o papel da família e do trabalho no momento de tomarem suas decisões vocacionais, por isso é importante que a família e educadores entendam que o gênero se constrói a partir das influências familiares, comunicação social e a sociedade em geral, de forma que o comportamento dos homens e mulheres está associado a contextos específicos e podem ser modificados, aumentando a igualdade entre todos e todas.

2.2. Divisão sexual no trabalho e suas consequências.

Os autores Bernadino e Nunes (2013, p. 54) relatam que “a divisão sexual designa tarefas que são apropriadas para os homens, e aquelas que são comumente exercidas pelas mulheres”. Ainda os mesmos autores, ressaltam que essa questão resulta em uma ideologia cognitiva que direciona o pensamento coletivo de uma sociedade, no campo de gêneros, a delimitar o que é comum a homens e a mulheres.

Nader (2002), já havia apontado essa questão quando argumentou que a sociedade delimita os espaços de atuação do homem e da mulher, pois espera que cada sexo cumpra as atribuições de acordo com o seu papel social, construindo, dentro dessa delimitação espacial, a identidade sexual de cada um. A sociedade define papéis distintos para os gêneros criando os campos de atuação de cada sexo, ou seja, o papel social que cada um deve exercer.

Alguns autores sugerem tipologias das carreiras como por exemplo, Lewin (1980), estabelece três diferentes macro grupos de carreiras sendo divididos em carreiras femininas, masculinas e mista. Já Ferretti (1975), define carreiras masculinas, neutras e femininas.

Existem expressões como ser homem de verdade, que segundo os autores Ramos e Xavier (2012), está implícita a idéia de existência de dois tipos de homens, os que são de verdade e os que são de mentira. Os verdadeiros homens seriam aqueles que realizam os trabalhos brutos, que demandam força física de forma que aqueles que realizam outros tipos de trabalhos considerados mais leves não se enquadram na categoria composta pelos homens de verdade.

Pesquisas realizadas sobre a temática pelos autores Gonçalves e Carvalho (2016), Bernadino e Nunes (2013), Miranda, Mafra e Cappelle (2012), Ramos e Xavier (2012), apontaram que de uma forma geral as pessoas sofrem pelo preconceito e a discriminação, tanto através dos colegas de trabalho que julgam antes de conhecer, como da sociedade que vê com estranhamento aqueles que estão inseridos em um ambiente de trabalho que é rotulado pela mesma como um meio adequado para o sexo oposto. Ressaltando a questão dos homens em profissões consideradas femininas, na maioria das vezes eles tem sua masculinidade questionada por estarem em um mercado de trabalho que foi definido como não adequado para seu gênero. Os autores relatam que o preconceito cria-se devido o atravessamento de gênero, pois quando acontece à inversão, acontece também o preconceito horizontal e vertical. Afirmam também que talvez as pessoas se acostumaram com as piadas e a discriminação por meio das atitudes e dos discursos de forma que tenham naturalizado o preconceito em relação ao gênero, o que pode influenciar, ainda que tenha um posicionamento crítico, na construção da identidade.

2.3. Metodologia

O estudo em referência se caracteriza como uma pesquisa descritiva que segundo Gil (1999, p. 44), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinadas população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Como estratégia de pesquisa foi utilizada abordagem qualitativa que para Neves (1996), é direcionada de acordo com o seu desenvolvimento, além de não buscar enumerar ou medir eventos é um conjunto de diferentes técnicas interpretativas visando descrever e decodificar os componentes.

A coleta de dados será realizada por meio da entrevista semiestruturada que segundo Bertucci (2009, p. 63) “consiste em uma indagação direta, realizada no mínimo entre duas pessoas, com o objetivo de conhecer a perspectiva do entrevistado sobre um ou diversos assuntos”. A autora ainda define a entrevista semiestruturada como “quando é desenvolvido um roteiro de entrevista básico. Entretanto, o pesquisador tem flexibilidade para introduzir, alterar ou eliminar questões, de acordo com a necessidade da pesquisa [...]”. (p. 63).

Como unidade de análise optou-se por homens que exercem as profissões rotuladas femininas pela sociedade, tendo como sujeito da pesquisa os homens que trabalham de servente escolar, cabeleireiro, designer de sobrancelhas, auxiliar de secretaria, enfermeiro, secretário, monitor de creche e professor dos anos iniciais na cidade de Manhuaçu (MG) e região, que segundo Bernardino e Nunes (2013), são naturalizadas pela sociedade como femininas, pois esses rótulos nos levam a pensar que os homens possuem melhor desempenho em trabalhar no campo das engenharias, medicina, ciências políticas e jurídicas, enquanto as mulheres, no magistério, economia doméstica e secretariado. Para o estabelecimento da amostra optou-se pelo critério de acessibilidade que é definido por Gil (1999, pg. 104) como quando “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma, representar o universo”. As entrevistas foram realizadas com 10 profissionais.

A análise dos dados foi feita com a técnica de análise de conteúdo que segundo Vergara (2005), visa identificar o que está sendo dito a respeito do tema, descrevendo o conteúdo das informações obtidas através dos entrevistados.

2.3.1. Análise de dados

Por meio das entrevistas realizadas com homens que exercem profissões de servente escolar, cabeleireiros, designer de sobrancelhas, auxiliar de secretaria, enfermeiro, secretário, monitor de creche e professor dos anos iniciais, foi possível notar que em algumas profissões ainda existe preconceito com os homens, principalmente quando trata de cuidados com pessoas e crianças. O entrevistado 6, que é enfermeiro, ressaltou que “os homens não são muito bem vistos na enfermagem, nessa profissão somos taxados como homossexuais ou coisa do tipo!”, isso é discutido por Ramos e Xavier (2012), quando apontam que existem expressões como ser homem de verdade, que segundo os autores, está implícita na idéia de existência de dois tipos de homens, os que são de verdade e os que são de mentira. Os verdadeiros homens seriam aqueles que realizam os trabalhos brutos, que demandam força física de forma que aqueles que realizam outros tipos de trabalhos considerados mais leves não se enquadram na categoria composta pelos homens de verdade, de forma que os homens que exercem profissões consideradas femininas, na maioria das vezes têm sua masculinidade questionada por estarem em um mercado de trabalho que foi definido como não adequado para seu gênero.

O entrevistado 10, que é monitor de creche, relatou que quando “[...] os pais iam buscar as crianças e ficavam olhando meio receiosos pra gente”, ainda o entrevistado 9 que, é professor dos anos iniciais, afirmou que quando foi fazer a inscrição para o concurso perguntaram se ele tinha certeza que era isso que ele queria. Essas dificuldades existem devido aos fatos históricos como ressaltam os autores Venturini e Thomasi (2013), quando apontam que as mulheres, histórica e culturalmente na sociedade, sempre estiveram encarregadas de educar e cuidar dos

filhos, enquanto os indivíduos do sexo masculino, segundo Santos e Takahashi (2000), desde os primórdios, são os principais detentores de provimentos para o lar, por isso entende-se que as mulheres é quem deveriam exercer cargos que envolvem cuidados com pessoas.

No secretariado, também existe um pouco de preconceito e discriminação, porém, segundo os entrevistados não acontecem diretamente, normalmente são alguns comentários como relatou o entrevistado 7 “Geralmente a gente tá lá para atender aí a pessoa: Cadê a secretária? O que a senhora precisa? Não eu queria falar com secretária!”. Nesse cenário, o entrevistado 5 relatou “Acho que é mais... eu sofro por causa disso, por que às vezes a pessoa chega lá e cumprimenta assim: e aí mulheres? Aí eu tô lá entendeu?”. Esses relatos confirmam o que foi ressaltado por Bernadino e Nunes (2013), quando apontam que as diferenças entre os gêneros estão presentes no mercado de trabalho, ou seja, fica condicionada no imaginário social a convicção de que existem cargos que devem ser desempenhados pelos homens e os que devem ser realizados pelas mulheres.

Por meio dos relatos dos entrevistados, a diferenciação entre os gêneros começa na contratação, por exemplo, quando procura-se alguém para trabalhar em secretaria normalmente exigem mulheres, no caso de concursos não tem como escolher, porém existem áreas que naturalizou que são as mulheres de uma forma confusa que até os livros do ensino fundamental concordam, como questiona o professor dos anos iniciais, entrevistado 9:

É[...] até mesmo nossos superiores quando em reunião, ou... algum evento, ao invés de falar professores, muitas vezes falam professoras ou meninas[...] os próprios livros didáticos muitas vezes trazem questões cujo enunciado diz que sua professora vai ler.

Em relação à área da beleza, os entrevistados relataram que o preconceito existiu no passado, como afirma o entrevistado 2 que é cabeleireiro:

Há alguns anos havia hoje já[...] já encaram como normal né, porque tem os barbeiros, porque falavam que barbeiro é masculino né aí tem os cabeleireiros que ele é, mexe com feminino e masculino, mais hoje o pessoal tá procurando mais cabeleireiro mesmo né então não tá tendo mais esse rótulo de[...] né? (sic)

O entrevistado 3 que é designer em sobrancelhas apontou que acredita que não existe preconceito hoje, ressaltou o quanto as pessoas o elogiam e valorizam. Porém, o entrevistado 4, que é cabeleireiro, disse que existe um pouco de preconceito sim “[...] sempre há um comentário e isso vai da cabeça da gente aceitar, mais como eu nunca aceitei, pra mim foi normal”. Essa situação está relacionada com o que os autores Gonçalves e Carvalho (2016), Bernadino e Nunes (2013), Miranda, Mafra e Cappelle (2012), Ramos e Xavier (2012), propõem quando argumentam que talvez as pessoas se acostumaram com as piadas e a discriminação por meio das atitudes e dos discursos de forma que tenham naturalizado o preconceito em relação ao gênero.

Com relação à aceitação da escolha da profissão, de forma geral, os entrevistados responderam que não tiveram dificuldades no âmbito familiar e social, tiveram apoio e incentivo de uma forma tranquila e normal. O entrevistado 5, que é auxiliar de secretaria, aponta que foi uma novidade “Legal!! É[...] porque é uma coisa que tipo assim, antes daqui eu só trabalhava com carro, em oficina de carro e um emprego assim, é bem novidade para minha família e pra mim também!”. Em relação

às pessoas ao redor, uma minoria teve problemas no início, mas com o tempo foram se adaptando e sendo aceitos, como relata o monitor de creche, entrevistado 10: “Ah! no início foi estranho, com é homem a primeira vez[...] mas como concurso não pode selecionar, aí o pessoal acabou se acostumou, mas no início foi um impacto”, e o enfermeiro entrevistado 6 relatou que: “como toda profissão tem preconceito, né? mais a aceitação está sendo bem melhor nos dias de hoje”.

Entretanto, a maior parte dos entrevistados se sente respeitados e admirados. “Muitas pessoas ainda ficam admiradas de verem um homem sendo professor dos anos iniciais, mas[...] me sinto respeitado dentro do meu ambiente de trabalho e fora dele também né? Basta ser um bom profissional”.(ENTREVISTADO 9). Também o entrevistado 4 relatou satisfação “hoje[...] eu sou muito bem elogiado no meu conceito profissional entendeu? E eu me sinto realizado nisso”.

Neste cenário, os resultados discordam dos estudos realizados por Gonçalves e Carvalho (2016), Bernadino e Nunes (2013), Miranda, Mafra e Cappelle (2012), Ramos e Xavier (2012), que apontam que de uma forma geral as pessoas sofrem pelo preconceito e a discriminação, tanto por meio dos colegas de trabalho que julgam antes de conhecer como da sociedade que vê com estranhamento aqueles que estão inseridos em um ambiente de trabalho que é rotulado pela mesma como um meio adequado para o sexo oposto.

Quando foi perguntado por que haviam escolhido a profissão, os motivos foram variados como não ter um motivo específico, ou devido a carga horária ser de acordo para estudar ou exercer outra profissão como é o caso do entrevistado 1 que é servente escolar e relatou que “[...] eu faço serviço na roça também, serviço rural né e dava pra mim exercer no caso as duas, coincidiu[...] por causa do horário né” (sic). Outro motivo demonstrado foi o fato de gostar da profissão desde pequeno, como afirma o entrevistado 2:

Ah a profissão eu escolhi porque desde[...] de novo, de criança eu já mexia com o cabelo da minha mãe, dos meus irmãos, do pessoal lá na roça. Aí depois chegou um tempo que eu quis vir pra cidade, eu fiz um curso pra montar salão. Então foi por[...] acho que por vocação mesmo entendeu?

Em relação aos impactos que traz para a vida desses trabalhadores, de forma geral os entrevistados disseram não ter problemas em sua vida pessoal decorrente de preconceito e discriminação, a maioria disse que vive tranquila e normalmente. Esses resultados confirmam em partes o que propõe a autora Daniel (2011, p. 324) quando afirma que “o mundo do trabalho é organizado de acordo com uma série de princípios que ultrapassam os limites do capital e impactam a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. Dentre eles está o princípio de gênero”. Segundo a autora o trabalho e o gênero se encontram, proporcionando uma dinâmica de inserção e participação no mercado de trabalho particular. Ou seja, a autora confirma o preconceito da sociedade, de forma que as brincadeiras e comentários preconceituosos que alguns dos entrevistados disseram existir estão de acordo, porém quando se refere aos impactos na vida dos trabalhadores, os mesmo afirmaram não sofrer nenhum relacionado ao gênero.

Portanto, nesse contexto, percebe-se que os entrevistados responderam sofrer assédios moral, porém eles acontecem devido a outros fatores, e não por causa do gênero, muitas vezes está relacionado ao tipo de trabalho e não a escolha profissional, como exemplo o fato de não ter vida social como o aponta o entrevistado 2:

Traz impacto. Porque você não pode ter vida social né, quem mexe com salão e salão né? Pra você ter uma vida social né você tem que trabalhar no outro dia sem dormir, sair depois das dez da noite. Não tem como tá! Então é assim[...] é salão de domingo a domingo, eu trabalho de domingo a domingo. Não tem tempo de ter vida social não tá.

Nesse sentido, o entrevistado 7 afirma que existem impactos positivos e negativos, por exemplo quando o dia de serviço é muito desgastante acaba interferindo na vida pessoal como o cansaço, e quando se tem algum problema em casa, pode influenciar o rendimento no trabalho. Para o entrevistado 6, que apesar de ter sua masculinidade questionada por ser enfermeiro, informou que concilia “de forma aberta e normal, porque a minha profissão não interfere na minha opção sexual e nem na minha vida pessoal. Mas tem os contratempos né, como qualquer outra profissão. Tem seus pontos positivos porque é dela que eu tiro o meu sustento”.

O entrevistado 9 afirma que qualquer profissão traz impacto para a vida pessoal e às vezes frustrações, de forma que é preciso acreditar no que faz e tentar ser melhor a cada dia, pois é o trabalho que dignifica o homem. Dentro desse pensamento o entrevistado 10 relata que “pra mim é normal, eu sei que[...] o trabalho edifica o homem e eu sei que tenho que passar por essa etapa né, pra eu chegar onde eu quero, então pra mim é normal”.

Diante disso, os relatos estão de acordo com o que foi discutido pelos autores Coda e Fonseca (2004); Saraiva e Silveira (2007), quando afirmam que o trabalho é um instrumento de realização das pessoas e para cada indivíduo ele tem uma função diferente de acordo com os desejos e as necessidades de cada um. Também o que apontam os autores Tolfo e Piccinini (2007, p. 39) quando ressaltam que a centralidade do trabalho “é entendida como o grau de importância que o trabalho tem na vida de uma pessoa em um determinado momento”.

Dessa forma, pode-se perceber que o trabalho tem grande influência na vida das pessoas tornando-se o centro, então apesar dos impactos na vida pessoal não estarem relacionados com o preconceito ou a discriminação, eles existem e interferem muito de uma forma que algumas pessoas não conseguem separar o profissional do pessoal como foi relatado nas entrevistas desse estudo. Porque os entrevistados criaram estratégias de enfrentamento, como quando se deparam com algum comentário ou atitudes preconceituosas, preferem encarar com indiferença não deixando que tenham interferência em suas vidas pessoais e, ainda, porque a sociedade está se acostumando a olhar e a aceitar estas diferenciações. Apesar de precisar evoluir muito.

3.CONCLUSÃO

A seguir serão apresentadas as considerações finais, limitações e implicações sobre o estudo realizado.

O objetivo desse estudo é descrever e analisar as dificuldades percebidas entre os trabalhadores do sexo masculino que exercem profissões culturalmente consideradas femininas, a fim de verificar se sofrem ou não preconceito e discriminação e a estratégia que usam para enfrentar essa situação.

Após a coleta de dados, verificou-se que existem preconceitos e discriminações de uma forma mais forte em áreas que envolvem cuidados com

peças ou exigem uma relação direta com crianças, enquanto profissões na área da beleza a diferença entre homens e mulheres estão cada dia menor, apesar de ainda existir comentários a respeito do trabalhador.

Concluindo, a partir da pesquisa, foi possível notar que os homens que trabalham em áreas consideradas femininas não deixam que a discriminação tenha influência em suas vidas pessoais, de forma que vivem tranquilamente sem dificuldades relacionadas ao preconceito e quando surge algum comentário, a forma que encontraram como estratégia de defesa é não se importando e não deixando que sirva para eles, preocupando-se em realizar corretamente suas tarefas, aprendendo e crescendo a cada dia.

No que diz respeito a limites, este centra-se na aplicação da entrevista, não foi possível aprofundar como planejado no assunto pelo fato dos entrevistados não terem tempo disponível para realização da mesma, e por isso a entrevista foi realizada com prazo marcado para iniciar e terminar, de forma que as respostas foram o mais breve possível. Outra limitação foi o número de pessoas entrevistadas, que foram 10 por serem mais acessíveis, visto que os demais contatados não se dispuseram a participar.

Os resultados dessa pesquisa apontaram que a discriminação e o preconceito em relação às profissões estão diminuindo com o passar dos anos, com isso as dificuldades das pessoas que são alvos precisam enfrentar a respeito estão cada vez menores. Este estudo contribuiu para análise da situação de preconceito nos dias atuais, sendo preciso que as áreas de gestão juntamente com a sociedade se conscientizem sobre o aspecto de diversidade para que o preconceito seja eliminado. Diante disso, seria interessante replicar a pesquisa com o intuito de verificar se a desconstrução do preconceito está mesmo acontecendo em relação a diversidade nas organizações.

4. REFERÊNCIAS

BELO, R. P.; SOUZA, T. R. de; CAMINO, L., Análise de repertórios discursivos sobre profissões e o sexo: um estudo empírico na cidade de João pessoa. **Psicologia & Sociedade**, v.22, n.1, p.23-31, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a04>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

BERNARDINO, W. M.; NUNES, W. S.; Análise dos gêneros na linguagem: a atuação e o preconceito contra os homens na área de secretariado executivo, São Paulo. **Revista de gestão e Secretariado**. v.4, n.2, p. 48-72, 2013. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/38980/analise-dos-generos-na-linguagem--a-atuacao-e-o-preconceito-contr-a-os-homens-na-area-de-secretariado-executivo>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

BERTUCCI, J. L. O.; **Metodologia Básica para Elaboração de Trabalhos de Conclusão de Cursos**. São Paulo: Atlas, 2009.

CHANLAT, J. F.; O gerencialismo e a ética do bem comum: a questão da motivação para o trabalho nos serviços públicos. In: Congresso internacional del clad sobre la reforma del estadoy de la administración publica,7, 2002, Portugal. **Anais...** Disponível em:

<<http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/clad/clad0043316.pdf>>
Acesso em: 26 set. 2016.

CODA, R.; FONSECA, G. F.; Em busca do significado do trabalho: relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**. v.6, n.14, p. 7-18, 2004. Disponível em:
<<http://www.spell.org.br/documentos/ver/6431/em-busca-do-significado-do-trabalho--relato-de-um-estudo-qualitativo-entre-executivos>> Acesso em: 28 set. 2016.

CRAMER, L.; PAULA NETO, A.; SILVA A. L.; A inserção do feminino no universo masculino: representações da educação superior. **Organizações & Sociedade**. v.9, n.24, p. 25-37, 2002. Disponível em:
<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/viewArticle/10613>> Acesso em: 07 set. 2016.

DANIEL, C.; O trabalho e a questão de gênero : a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O social em questão**. n.25/26, p.323-344, 2011. Disponível em: <[http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/17 OSQ 25 26 Daniel.pdf](http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/17_OSQ_25_26_Daniel.pdf)>
Acesso em: 07 set. 2016.

FERREIRA, M. M.; O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. Campinas. **Transição**. v.15, n.2, p.189-201, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v15n2/07.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2016.

FERRETTI, C. J.; A mulher e a escolha vocacional. **Caderno de pesquisa**. n.16, p.20-40. 1975. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/271.pdf>> Acesso em: 29 set. 2016.

GIL, A. C.; **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, J. P.; CARVALHO, V. de S. C. de. Estudo das Representações Sociais de Professores Homens de Mato Grosso do Sul Sobre o Trabalho Realizado com Crianças, Ponta Grossa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero** . v. 7, n. 2, p. 93 - 104, 2016. Disponível em: <<http://177.101.17.124/index.php/rlagg/article/view/7920/5005>> Acesso em: 5 jun. 2016.

LEWIN, H. Educação e força de trabalho feminina no Brasil, São Paulo. **Caderno de pesquisa**. n.32, p.45-59, 1980. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/504.pdf>> Acesso em: 29 set. 2016.

MIRANDA, A. R. A.; MAFRA, F. L. N.; CAPPELLE, M. C. A.; Relações de gênero e poder: um estudo com professoras – gerentes em uma universidade pública. **Revista administração em diálogo**. v.14, n.3, p.110-136. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/11789>> Acesso em: 28 mai. 2016.

NEVES, J. L.; Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. São Paulo. **Cadernos de pesquisa em administração**, v.1, n.3, 1996. Disponível em: <

http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 2 out. 2016.

NADER, M.B.; A condição masculina na sociedade, Espírito Santo. **Dimensão**. n.14, p.461-480, 2002. Disponível em :
<<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2638> > Acesso em: 02 out. 2016.

NORONHA, N. S.; BARBOSA, D.M.S.; Renda, consumo e centralidade do trabalho na nova classe média brasileira, São Paulo. **Rev. Adm. Mackenzie**. v.17, n.1, p.40-54, 2016. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/39935/renda--consumo-e-centralidade-do-trabalho-na--nova-classe-media--brasileira>> Acesso em: 28 set. 2016.

PEREIRA, A. V.; O cotidiano de enfermeiras e enfermeiros: relações de gênero, a partir do tempo no hospital. **Latino-Am. Enfermagem**. V.23, n.5, p.945-953, 2015. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n5/pt_0104-1169-rlae-23-05-00945.pdf > Acesso em: 29 mai. 2016.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; ESTIVALETE, V. de F. B.; ANDRADE, T. de. Valores Relativos ao Trabalho: Testando a Invariância e as Diferenças de Média entre os Gêneros, Belo Horizonte. **Adm. FACES Journal**. v. 14 n. 4 p. 43-64 ,2015. Disponível em: < <http://www.spell.org.br/documentos/ver/38112/valores-relativos-ao-trabalho-testando-a-invariancia-e-as-diferencas-de-media-entre-os-generos> > Acesso em: 28 mai. 2016.

RAMOS, J.; XAVIER, M. do C.; **Percepções da comunidade escolar sobre os professores homens na Educação Infantil**. Dissertação de mestrado. Curso de pedagogia. Faculdade de Ciências Humanas, Belo Horizonte. 2012. Disponível em: < <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1581/991> > Acesso em: 5 jun. 2016.

SAAVEDRA, L.; **Assimetrias de gêneros nas escolhas vocacionais**, Lisboa. Guia de educação. Gênero e cidadania,2009. Disponível em: ,
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4229/1/estere%C3%B3tipos%20d%C3%A9o%20g%C3%A9nero.pdf>> Acesso em: 13 set. 2016.

SANTOS, C. E. dos; TAKAHASHI, R. T.; Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico, Brasília. **Brasileira de Enfermagem**. v. 53, n.2, p. 183-192, 2000. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v53n2/v53n2a03.pdf> > Acesso em: 5 jun. 2016.

SARAIVA, L. A. S.; SILVEIRA, L. G. A.; Representações sociais do trabalho por profissionais de um hospital de Minas Gerais, São Paulo. **Revista de gestão USP**. V.14, n.2, p.77-91, 2007. Disponível em: <
<http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36599/39320>> Acesso em: 30 set. 2016.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V.; Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**. v.19, n.1, p.38-46, 2007. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/20490/000612560.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28 set. 2016.

VENTURINI, A. M.; THOMASI, K. B. ; A feminização na educação infantil: uma questão de gênero, Rio de Janeiro. **Revista Científica Digital da FAETEC**. V.1, n.1, 2013. Disponível em:<
<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/A%20FEMINIZA%C3%87%C3%83O%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>> Acesso em: 5 jun. 2016.

VERGARA, C. S.; **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VILLELA, W.; MONTEIRO, S.; VARGAS, E.; A incorporação de novos temas e saberes nos estudos em saúde coletiva: o caso do uso da categoria gênero, São Paulo. **Ciência & saúde Coletiva**. v. 14, n.4, p.997–1006, 2009. Disponível em:
<<http://www.scielo.org/pdf/csc/v14n4/a02v14n4.pdf> > Acesso em: 7 set. 2016.